

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

VIRNA BEATRIZ JORGE DOS SANTOS

O MEDO EM LIVROS PREMIADOS PELA FNLIJ

**SANTARÉM-PA
2024**

VIRNA BEATRIZ JORGE DOS SANTOS

O MEDO EM LIVROS PREMIADOS PELA FNLIJ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Oeste do Pará, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Percival Leme Britto

Coorientadora: Profª. Dra. Vanessa de Abreu Camasmie

SANTARÉM-PA
2024

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA

S237m Santos, Virna Beatriz Jorge dos
O medo em livros premiados pela FNLJ. / Virna Beatriz Jorge dos Santos. - Santa-
rém, 2024.
32 p.
Inclui bibliografias.

Orientador: Luiz Percival Leme Britto.
Coorientadora: Vanessa de Abreu Camasmie.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do Pa-
rá, Instituto de Ciências da Educação, Licenciatura em Pedagogia.

1. Literatura infantil. 2. Leitura. 3. Medo. 4. Prêmio. 5. Fundação Nacional do Li-
vro Infantil e Juvenil. I. Britto, Luiz Percival Leme, *orient.* II. Camasmie, Vanessa de
Abreu, *coorient.* III. Título.

CDD: 23 ed. 869.3

Bibliotecária - Documentalista: Zélia Gonçalves – CRB/2 821



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

1 ATA DE DEFESA PÚBLICA DE TCC DO CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

2
3 Em 28 de outubro de 2024, às 11hmin, na cidade de Santarém, Estado do Pará, realizou-se por meio virtual
4 a sessão pública da defesa de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC O MEDO EM LIVROS
5 PREMIADOS PELA FNLIJ, desenvolvido pela acadêmica VIRNA BEATRIZ JORGE DOS SANTOS,
6 sob a orientação da Profª. Dra. Vanessa de Abreu Camasmie e coorientação do Prof. Dr. Luiz Percival
7 Leme Britto, desta instituição. A banca examinadora foi composta pelos docentes orientadores os
8 examinadores Prof. Dr. Zair Henrique Santos (Ufopa) e a Profª. Roseane Serrão dos Santos (mestranda no
9 PPGL-Ufopa). Após a defesa e análise do TCC, considerando a qualidade do trabalho, a banca decidiu pela
10 **aprovação** do TCC, com conceito **10,00 (DEZ)**. Proclamados os resultados pelo coordenador da banca,
11 foram encerrados os trabalhos e para constar, eu Luiz Percival Leme Britto lavrei a presente ata.

12
13 Documento assinado digitalmente
14 **VIRNA BEATRIZ JORGE DOS SANTOS**
15 Data: 21/12/2024 08:03:27-0900
16 Verifique em <https://validar.it.gov.br>

17
18 Documento assinado digitalmente
19 Orientadora: Vanessa Camasmie dos Santos **VANESSA DE ABREU CAMASMIE**
20 Data: 20/12/2024 08:02:48-0400
21 Verifique em <https://validar.it.gov.br>

22 Documento assinado digitalmente
23 Coorientador: Prof. Dr. Luiz Percival Leme Britto **LUIZ PERCIVAL LEME BRITTO**
24 Data: 20/12/2024 12:30:39-0100
25 Verifique em <https://validar.it.gov.br>

26 Documento assinado digitalmente
27 Examinadora Prof. Dr. Zair Henrique Santos **ZAIR HENRIQUE SANTOS**
28 Data: 20/12/2024 12:30:39-0100
29 Verifique em <https://validar.it.gov.br>

30 Documento assinado digitalmente
31 Examinadora Profª. Roseane Serrão dos Santos **ROSEANE SERRAO DOS SANTOS**
Data: 20/12/2024 12:31:18-0100
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

RESUMO

O artigo trata da análise de livros premiados na categoria “Criança” pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. O sentimento *medo* é o foco principal da análise: Como ele aparece em livros destinados às crianças? Como os personagens vivem o medo? A análise de livros premiados pela FNLIJ se deu, porque se entende que esses livros têm qualidade literária, levando em consideração que tal fundação tem uma banca de especialistas em literatura, portanto qualificada e preparada para a seleção desses livros. Outras questões envolvidas no trabalho são referentes ao que seria a literatura infantil; o que é a FNLIJ; e o que é considerado criança pelo prêmio. Para isso, são utilizadas ideias de autoras que trazem à tona questionamentos fundamentais para o esclarecimento e a compreensão a respeito da literatura e suas dimensões e, conseqüentemente, para o desenvolvimento deste artigo.

Palavras-chave: Literatura infantil. Leitura. Medo. Prêmio. Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

ABSTRACT

The article deals with the analysis of books awarded in the “Children” category by the National Children's and Youth Book Foundation. The feeling of fear is the main focus of the analysis: How does it appear in books aimed at children? How do the characters experience fear? The analysis of books awarded by FNLIJ took place because it is understood that these books have literary quality, taking into account that it has a panel of literature specialists, therefore qualified and prepared to select them. Other issues involved in the work refer to what children's literature would be; what is the FNLIJ; and what is considered a child by the award. To this end, ideas from authors are used that bring to light fundamental questions for clarification and understanding regarding literature and its dimensions, and consequently for the development of this article.

Keywords: Children's literature. Reading. Fear. Award. National Children's and Young People's Book Foundation.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 SE EU ABRIR ESTA PORTA AGORA...	9
3 EU POSSO ENCONTRAR LÁ FORA...	15
3.1 Angélica	17
3.2 A bolsa amarela	19
3.3 Pedro	20
3.4 Se eu abrir essa porta agora	21
3.5 Pinóquio: o livro das pequenas verdades	22
3.6 Sagatrisuinorana	23
3.7 Um belo lugar	24
3.8 Irmãs da chuva	25
3.9 Os invisíveis	26
3.10 Seu Tainha	27
3.11 Espinho de arraia	28
3.12 Lá fora	28
3.13 Amanhã	29
4 A FNLIJ COMO UM BELO LUGAR...	30
5 REFERÊNCIAS	33

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho discute o medo nas narrativas dos livros premiados na categoria “Melhor livro para criança”, como os personagens sentem e vivem o medo nos livros destinados à criança e as possíveis mudanças ocorridas nestes cinquenta anos de prêmio da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ.

A FNLIJ tem premiado livros de literatura desde o ano de 1974 em diferentes categorias, que estão divididas em: Criança, Jovem, Imagem, Poesia, Informativo, Tradução, Projeto Editorial, Revelação, Ilustração, Teatro, Livro Brinquedo, Teórico e Reconto. Durante a pesquisa, fui levada a refletir “quais critérios são utilizados na escolha desses livros como os melhores para serem premiados?”. Outras reflexões surgidas foram a respeito das próprias categorias: Os livros premiados têm relação uns com os outros, têm alguma coisa em comum? O que determina qual livro é mais adequado para uma criança ler? O que diferencia um livro infantil de outros livros?

Por ser graduanda em Pedagogia, curso cujo um dos objetivos é a formação para a educação de crianças, busquei analisar os livros de literatura destinados a elas e premiados pela FNLIJ na categoria “Melhor livro para criança”. A escolha de apenas uma categoria ajudaria na delimitação do tema e no aprofundamento da busca pelos livros. Para a procura das obras, foram levadas em consideração as informações do site¹ da própria Fundação e o livro “Um imaginário de livros e leituras: 40 anos da FNLIJ”².

De início, busquei as obras premiadas desde o primeiro ano na categoria “Melhor livro para criança”. Consegui encontrar apenas sete livros dos quarenta e nove buscados; e faltavam informações de alguns livros premiados, devido à página eletrônica da Fundação se encontrar indisponível naquele momento. Alguns dos livros premiados foram encontrados na Biblioteca Bartolomeu Campos de Queirós, atualmente biblioteca Moronguetá³, gerida pelo Grupo de Pesquisa, Estudos e Intervenção em Leitura, Escrita e Literatura na Escola (LELIT)⁴, da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), em Santarém, Pará. Lá, busquei pelo título do livro, nome do autor, ilustrador e pela editora. Após o levantamento, criei uma tabela com as informações utilizadas na busca e acrescentei o ano de premiação de cada livro.

¹ <https://fnlij.org.br/premio-fnlij/>

² MACHADO, Laura; SERRA, Elizabeth; Ninfa, PARREIRAS, NOGUEIRA, Elda; ZINCONE, Gisela. Um imaginário de livros e leituras: 40 anos da FNLIJ. Rio de Janeiro: FNLIJ, 2008.

³ Moronguetá. Palavra indígena que possui o significado relacionado ao diálogo ou conversa sobre coisas boas e belas.

⁴ LELIT. Sigla que corresponde à “Ler Literatura”.

Inicialmente, busquei encontrar a relação desses livros com a infância para identificar, na leitura dos livros, o que poderia remeter a essa fase da vida. Devido à dificuldade de encontrar todos os livros, decidi, junto com a orientadora, analisar somente os livros premiados nos cinco primeiros e cinco últimos anos de existência do prêmio, a fim de olhar para as mudanças ocorridas na seleção dessas obras.

Procurando a relação das narrativas com a infância, fui envolvida e cativada pelos sentimentos presentes nos livros e acabei fixando meu olhar nisso. Inicialmente, os sentimentos presentes foram o que me remeteram à infância, o que, logo depois, me pareceu contraditório, pelo fato de conseguir me encontrar nessas narrativas e relacioná-las com o momento em que vivo na fase adulta. Percebi que os sentimentos estavam presentes de formas diferentes nesses livros, conversando com a perspectiva de cada leitor. Exemplo disso é o sentimento de felicidade: que em um livro poderia estar relacionado a um simples banho de rio e, em outro, ao encontro com a bisavó.

Meu olhar para os sentimentos presentes nos livros foi mudando, a partir do momento em que indaguei o fato de que não remetiam somente e necessariamente à infância, mas poderiam estar presentes na vida adulta, alguns mais na infância do que na fase adulta, como a curiosidade e a imaginação, não significando que não continuem existindo. Observei que os sentimentos permanecem, ficam presentes de outras maneiras, de acordo com as experiências e a mudança de percepção do mundo.

Então, o que difere a Literatura Infantil da Literatura de fato? Por que essa distinção?

Entendendo que “infância” é um termo bastante amplo, decidi olhar de maneira aprofundada para o sentimento *medo*. Vi que ele está representado de diversas maneiras nos livros destinados à criança, sejam eles considerados bobos ou profundos. O termo “infância” foi substituído por “medo”, um dos sentimentos encontrados nas narrativas premiadas na categoria “Melhor livro para criança” pela FNLIJ.

Por se tratar de livros destinados às crianças, deparei-me com a necessidade de buscar autores que debatem questões relacionadas à literatura infantil, bem como o uso dessa nomenclatura, de certa forma, delimita e direciona as obras a públicos específicos. Foi-me sugerida a leitura dos livros “Literatura Infantil Brasileira”, de Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2017), para o estudo da história da literatura no âmbito nacional; “Por uma literatura sem adjetivos”, de María Teresa Andruetto (2009), para melhor entender como se dá a questão da adjetivação da literatura; “Ponto de Fuga”, de Ana Maria Machado (2016), que disserta sobre literatura de forma ampla e crítica; e “Literatura Infantil e Juvenil na Fogueira”,

organizado por Ceccantini, Galvão e Valente (2024), em que diferentes autores debatem sobre a (auto)censura na Literatura Infantil e Juvenil.

Foi necessário delimitar os livros em função da dificuldade de encontrá-los na biblioteca do LELIT, principal fonte de busca, e do desejo de verificar o que mudou na abordagem dos livros premiados com o passar dos tempos.

2 SE EU ABRIR ESTA PORTA AGORA...

Para começar a discussão sobre literatura infantil, que é o foco da análise nas narrativas contidas nos livros, há que aprofundar um pouco em sua história, observando sua trajetória ao que se entende por literatura na contemporaneidade e no contexto brasileiro. Trata-se de um aprofundamento breve, mas que nos ajuda a entender com mais facilidade os questionamentos.

O surgimento da literatura tem ligação muito forte com manifestações artísticas orais e corporais. A contação de histórias, a dança, a mímica e a poesia, por exemplo, encabeçaram e colaboraram significativamente para o desenvolvimento da arte da escrita no que diz respeito à expressão e exteriorização do que é íntimo, particular. As formas de manifestações artísticas atreladas ao surgimento da escrita deram impulso à criação do que conhecemos como literatura, a necessidade de pôr em palavras o que não se consegue expressar de outras maneiras. As histórias antes eram partilhadas oralmente, passavam a ser lidas de forma individual, “a expressão literatura [originária do latim (*littera* = letra)], encampou o que, até então, era denominado poesia, favorecendo a prática da leitura silenciosa em detrimento do som e da voz” (Lajolo; Zilberman, 2017, p. 27).

Uma coisa implica o surgimento da outra: o ser humano com a sua capacidade de criar e de desenvolver mecanismos para sua própria satisfação/compreensão vai traçando caminhos e imaginando possibilidades. A proliferação da escrita origina a criação do livro e, de acordo com Lajolo e Zilberman (2017, p. 23),

talvez se possa afirmar que a literatura nasceu quando começou a era do livro. Antes dele, havia a poesia, o gesto, a imagem, o som, que se produziam e eram transmitidos por meio da voz, do corpo, do olhar e da audição. A visão foi desviada para as letras, quando se disseminou o emprego da escrita. A criação do código, abrigando e reunindo em volumes de feição retangular um conjunto de manuscritos registrados em pergaminho, reduziu as tarefas da voz e obscureceu as funções do corpo.

A literatura infantil brasileira surge por volta do século XVI ao XVIII, época da emergência da modernidade, que traz consigo a ampliação de gêneros e formas de narrativas. Neste período, há uma segregação na variedade de narrativas surgidas, que se estabelecem devido a vários fatores, como a possibilidade de escrever sobre diversos temas, os tipos de consumidores destas obras e a forma de relato presente (Lajolo; Zilberman, 2017). A literatura infantil, portanto, é a literatura que ganha um adjetivo direcionado a um público, que apresenta uma maneira de escrita particular e que (em tese) trata de assuntos relacionados à infância. O adjetivo “infantil” não aparece de imediato, surgindo após as diversas discussões sobre o conceito de infância, especialmente quando a criança deixa de vista somente como um adulto em desenvolvimento, passando a ser uma pessoa que necessita de cuidados, proteção e afeto próprios.

No período que corresponde ao fim da ditadura militar, o mercado do livro tem um crescimento considerável e, conseqüentemente, o número de editoras cresce rapidamente. O livro destinado às crianças alcança o topo do ranking de vendas, ultrapassando os livros de literatura adulta e, até mesmo, os didáticos.

Hoje, além do livro físico, a literatura, acompanhando os avanços tecnológicos, ganha novas formas de disseminação, por sites e redes sociais, que fazem parte do cotidiano de adultos e crianças. É um mundo amplo, cheio de informações, no qual a literatura está presente. Um dos fatores que levam ao uso excessivo e quase inevitável da internet é a facilidade de encontrar respostas a qualquer dúvida. As informações correm numa velocidade inestimável, mas o que é contraditório é exatamente o excesso de informações e a questionável veracidade de muitas delas. De acordo com Machado (2016, p. 29):

Navegar pela internet pode trazer uma oportunidade fantástica e única de pluralidade de informação, dificilmente igualada numa pesquisa tradicional em livros. Mas vale a pena lembrar que, nesse caso, algo que se sacrifica em nome da rapidez e extensão — perdem-se os critérios de seleção e não se sabe até que ponto as fontes são sérias e seguras. A própria anarquia que, por um lado, garante o caráter libertário da rede, por outro isenta as fontes de qualquer responsabilidade.

Há que questionar a qualidade da literatura produzida tanto pelos meios de comunicação contemporâneos, quanto a produção em massa de livros, desde o boom do mercado editorial. Com a produção excessiva de livros infantis, tende a ser instável a qualidade literária de muitos deles, levando em consideração o lucro planejado. O interesse financeiro afeta tudo o que diz respeito à literatura, começando pelo trabalho do escritor, que tende a se render às ideias do mercado, chegando até às poucas editoras empenhadas em manter livros de qualidade literária. Andruetto (2012) fala do esvaziamento do sentido que

trazem muitos livros presentes no mercado, ao que poderíamos chamar de perda da essência literária, porque o autor busca a aceitação do mercado, não se indispondo com os interesses das editoras e das diretrizes de editais públicos, deixando de lado o desejo de encontrar um leitor que se identifique, se emocione e reflita sobre a narrativa de uma forma profunda.

Andruetto (2012, p. 131-132) diz que

embora hoje sejam produzidos milhares e milhares de livros, os bons livros continuam sendo poucos, as coisas não mudaram muito nesse sentido. Em um campo tão escorregadio, tão levado pelo desejo de agradar, pelas obrigações pedagógicas, pelo empenho no que deve ser, pelo politicamente correto, pelos manuais de bons costumes, pelas necessidades curriculares, pelas estratégias do mercado...encontrar expressões de autêntica literatura sempre foi um milagre, algo que não se encontra todos os dias nem em todos os livros. Milhares de livros são editados, mas as possibilidades que um livro tem de permanecer, de habitar na memória de um leitor, que é a verdadeira forma de permanecer de um escritor e de um livro, são remotas.

A literatura tem essência particular, as palavras buscam algo diferente da utilidade cotidiana. Justamente por isso, não visa a um alvo ou público, mas a uma forma de chegar e ser sentida pelo leitor, a uma forma que o toque. É um encontro entre obra e leitor, uma partilha de sentimentos, de experiências, mesmo quando o leitor não dá um retorno ao escritor. Esse encontro é complexo. Para que aconteça, é necessário experiências vividas. Isso fica claro quando se pensa que uma obra pode tocar profundamente um leitor e capturá-lo, enquanto outro pode não se responder de forma tão forte. O encontro pode acontecer ou não.

Um questionamento pertinente quando se fala em literatura é se existe distinção daquela destinada a adultos da direcionada ao público infantil: existiria uma linguagem própria para crianças? Um pensamento popular que se destaca é o de que a linguagem deve ser menos “elaborada” do que a usada com um adulto. Além disso, deve ser carregada de sentimentalismo, com poucos termos difíceis de serem compreendidos por crianças. Pela concepção de que as crianças são muito sensíveis, incapazes e indefesas, sobressai o pensamento de que, para conversar com elas, é preciso atenuar as coisas, ocorrendo, assim, uma “adequação”.

A literatura infantil é cercada de perspectivas do que deveria ser. Dentre as formas de ver, estão as perspectivas moralista, didática e a artística. Na moralista, sobressai a ideia de que a literatura infantil precisa mostrar o certo e o errado, apresentar o que se entende por valores. Exemplo disso são as histórias que trazem ao final uma moral, deixando recados ou frases com a intenção de reforçar ao leitor o que ser ou não ser, ou o que é bom ou ruim.

Na perspectiva didática, como o nome anuncia, se entende que as obras destinadas às crianças precisam ensinar algo, como um manual de instruções. Nesse tipo de texto,

ensinam-se hábitos higiênicos, respeito à natureza e às pessoas, vocabulário. Na visão que considera a literatura infantil uma arte, intenciona-se o encontro com o leitor, propiciando-lhe não só o prazer, mas também o incômodo, o impacto com o diferente do seu habitual. As perspectivas moralista e didática partem da concepção de que a criança não sabe o suficiente para apreciar a arte e precisa que um adulto a guie. Essas perspectivas acabam promovendo livros pouco ou nada artísticos.

Seria a literatura infantil menor ou menos valiosa? Segundo Machado (2016, p. 16),

no caso de obras dirigidas às crianças, a ideologia tradicional universalmente presente é a que reafirma a dominação do mais fraco pelo mais forte — histórias que ensinam aos pequenos que os adultos sabem mais, são mais experientes, podem decidir melhor sobre os problemas da vida e que cabe às crianças obedecer. [...] Mas, como ponto de partida, se não desejamos que se perpetue um sistema de dominação da criança, é mais seguro tentar-lhe oferecer livros que tenham mais a ver com arte do que com ensino, com a formulação de perguntas do que com a imposição de respostas.

Pela concepção popular de que os livros para crianças precisam ensinar e apresentar respostas, a literatura que incomoda, que tem profundidade e faz aflorar sentimentos desconfortáveis perde espaço para a visão de que a criança é um ser inocente e deve ser poupada desses assuntos. Mas, os “temas delicados” estão presentes na trajetória da vida e se manifestam de qualquer forma, são parte da vida. A arte em si representa justamente a manifestação de sentimentos, de ideias, e é natural que cause desconforto e comova os que a apreciam. A criança tem o direito de acesso a esse meio. Afastá-la da arte e, por conseguinte, do contato com sentimentos como o medo, a tristeza, a morte e a saudade não seria distanciá-la do que é propriamente humano e de suas particularidades?

Andruetto (2009, p. 59) afirma que:

Atribui-se à literatura infantil a inocência, a capacidade de adequar-se, de adaptar-se, de divertir, de brincar, de ensinar e, especialmente, *a condição central de não incomodar nem desacomodar*, e é assim que outros aspectos e tratamentos estão muito pouco presentes, e, quando estão, aparecem com demasiada frequência tingidos de “deve ser assim”, de desobediência temática ou de suspeita adaptabilidade curricular.

É como se a literatura infantil tivesse pouca preocupação com a reflexão, como algo determinado apenas ao divertimento, desqualificando-a como fonte de conhecimento e de busca pela humanização. Quando se pensa na destinação da escrita a esse grupo, surge o questionamento diante da concepção do que é ser criança, dando a essas obras a dedução por parte da sociedade do “carecimento” da utilidade.

Outro ponto, por vezes camuflado nos livros infantis, é a ideia de que a criança é um ser incapaz, e essa desconsideração subestima sua capacidade. Tratar de temas considerados intocados na literatura é dar ao leitor a oportunidade do contato com sentimentos que ele próprio desconhece. A arte da palavra não traz mudanças imediatas de concepções do que é certo ou errado, mas, aos poucos, a arte tende a despertar no indivíduo a sensibilidade e a comoção com sensações alheias às suas, como afirma Machado (2016, p. 203):

Ela é importante, antes de mais nada, para habituar a um exercício de se colocar no lugar do outro — coisa que as obras de ficção narrativa fazem admiravelmente, ao despertar mecanismos psíquicos de identificação e projeção, permitindo que o leitor compreenda ideias alheias, se solidarize com personagens completamente diferentes de si, tenha compaixão por quem é diferente, perceba que existem pontos de vista variados para encarar qualquer assunto. A narrativa de ficção rompe a indiferença individualista e acostuma o leitor a sair de si mesmo e viver outras vidas — e isso lhe deixa a bagagem de uma experiência emocional riquíssima de abertura para o outro. Afinal de contas, é esse o fundamento de qualquer comportamento ético — ser capaz de pensar nos outros ao fazer as coisas ou deixar de fazê-las e medir as consequências das próprias ações sobre outras vidas.

O reforço de que a leitura é fundamental para que o indivíduo se torne melhor é carregada de interesses e cheia de preconceitos, a partir do momento que se considera alguém que lê mais sábio do que um indivíduo que não lê. Cabe pensar que tipo de leitura está sendo oferecida àquele que lê, se é dado ao indivíduo apenas livro que não ofereça desafio. É natural que ele se acomode a esse tipo de leitura e não se disponha a ler outra coisa.

Assim como muitos outros sentimentos, o medo é difícil de lidar e está presente em todas as fases da vida, é natural que esteja na literatura. Esse sentimento pode ser visto como algo a ser evitado na literatura destinada a crianças, dependendo da forma como aparece. Ele pode ser considerado bobo, em alguns casos, e profundo, em outros, mas isso depende da forma como o indivíduo vivencia e o conjunto de experiências que ele carrega. O medo pode aparecer de diferentes formas em variados contextos históricos. Em determinado período, pode ser vivenciado com mais força, em outro, pode ser sentido de forma mais leve.

Alguns exemplos facilitam essa compreensão. Em determinado período da história, alguns assuntos eram evitados e malvistas pela sociedade; entre eles, estão as questões de gênero que hoje são muito debatidas e, por consequência, aparecem com mais força na literatura. O medo de revelar a opção sexual ou escolhas relacionadas a gênero provavelmente era pouco discutido e sentido de maneira menos profunda do que hoje (embora, caiba não subestimar esse sentimento na atualidade), envolvendo questões mais sérias, não só de exclusão, mas de ameaça à própria vida. Outro tema que ganha força são os movimentos identitários, que cada vez mais conquistam espaços que há anos eram inimagináveis. O medo

vivenciado por essa população era sentido de forma diferente do que é hoje. Não significa dizer que esses grupos não sofram na atualidade, mas destacar como a mudança ocorrida é fundamental para que se compreenda como o medo está refletido na literatura.

Nas obras para crianças, o medo pode ser visto como algo menor: medo de bichos, medo de ficar sozinho, medo de escuro, medo de trovão. São medos “infantis”, dando a entender que a criança é frágil e inocente. Porém, o medo é um sentimento na vida de qualquer um e pode ser sentido pela criança e por um adulto, ainda que de forma diferente.

Machado (2016, p. 163) diz que:

Entendi então que havia entre essas duas visões um abismo profundo: a distância que existe entre quem, de um lado, acha que escrever para crianças é comunicar-se com um público-alvo e, do outro lado, quem escreve porque não tem escolha, precisa se expressar e quer ser capaz de atingir leitores de idades diferentes — inclusive crianças. Porque ama algumas crianças e quer compartilhar com elas o que está imaginando. E aqui, vale a pena lembrar a opinião de C. S. Lewis, quando afirmava que um bom livro infantil é aquele que, depois de dar prazer ao ser lido aos dez anos, será capaz de propiciar novas descobertas ao ser relido aos cinquenta anos.

E o autor, sente medo ao escrever? Essa é uma questão que envolve não só o ato de escrever, mas a preocupação por parte do autor com o mercado, que muitas vezes encomenda um livro e, dependendo do que está escrito, não o publica. É possível que o autor não sinta liberdade quando envia seu livro para a apreciação do editor; pode ser que se recomende a retirada de parte do texto para que se ajuste aos padrões editoriais. Além disso, o escritor carrega consigo medos relacionados com o próprio ato de escrever, receio de não se expressar da forma desejada, de a obra não alcançar suas expectativas e, até, de não concluir a escrita.

Na ditadura militar (1964-1985), o medo pairava sobre os autores, impedindo-os de escrever o que sentiam e pensavam. As ameaças, nesse período, geraram, para além da censura explícita, a autocensura. O artista encontrou uma barreira: o impedimento do dizer. Na atualidade, o autor pode carregar reflexos deste período. A censura pode ocorrer de forma sutil e imperceptível, quando se pensa nas bibliotecas escolares que, por vezes, têm livros de literatura aos quais os alunos não têm acesso permitido, por serem “livros perigosos”. A censura, o ato de silenciar, ocultar, tirar do campo de visão, é algo que faz parte da história do nosso país.

Enfim, a literatura é complexa e singular e, assim como outras artes, apresenta formas de ser percebida. Seja destinada às crianças, jovens ou adultos, a literatura nos conecta com a nossa humanidade. A definição de um público ao qual ela se destina deveria ser consequência das pessoas que as obras alcançam com maior intensidade e não uma adjetivação. Literatura

infantil é um termo direcionado a um “público”, embora haja obras que envolvem questionamentos vivenciados em outras etapas da vida. Se a literatura é um campo cheio de possibilidades, que anseia a liberdade, que se move com um único desejo que é afetar, então, para que adjetivá-la ou predefinir os espaços que ela deve transitar ou estar presente?

3 EU POSSO ENCONTRAR LÁ FORA...

Conforme explicitado, encontramos poucos livros premiados no acervo do LELIT⁵. Foi preciso reduzir a quantidade de livros a serem analisados. Nesse “afunilamento”, decidimos analisar os livros premiados nos primeiros cinco anos e os livros premiados nos últimos cinco anos na categoria “O Melhor Livro Para Criança”.

Os livros “Angélica” e “A bolsa amarela”, de Lygia Bojunga; e “Pedro”, de Bartolomeu Campos de Queirós, foram os que encontrei e que correspondem aos primeiros anos de premiação⁶. Os livros mais recentes encontrados foram: “Se eu abrir esta porta agora”, “Um belo lugar” e “Pinóquio: o livro das pequenas verdades”, de Alexandre Rampazzo; “Sagatrisuinoarana”, de João Luís Guimarães e Nelson Cruz; “Irmãs da chuva”, de Gabriela Romeu e Anabella López; “Os invisíveis”, de Tino Freitas e Odilon Moraes; “Espinho de Arraia”, de Roger Mello; “Lá fora”, de André Neves; “Seu tainha”, de Bruna Lubambo e Janaína de Figueiredo; “Amanhã”, de Lúcia Hiratsuka. Desta lista, um livro, em específico, me impactou de forma diferente, pelo “medo” estar presente de forma muito forte e por eu me encontrar na personagem principal. Me envolvi na história presente na obra Angélica, de Lygia Bojunga.

A seguir, apresento um quadro com os livros que foram analisados para o presente trabalho. Após a tabela, compartilho a análise de cada um dos livros listados.

⁵ A biblioteca Bartolomeu Campos de Queiroz foi a principal fonte de pesquisa devido à Biblioteca principal da UFOPA não conter em seu acervo livros de literatura. Em Santarém, não existem bibliotecas ou livrarias.

⁶ Não encontrei os livros: O rei de quase tudo (Eliardo França), premiado no ano de 1975; Coleção Gato e Rato (Mary França e Eliardo França), premiada em 1979; A casa da madrinha (Lygia Bojunga), premiado em 1979.

Quadro 1 – Livros analisados

Número	Título do livro	Ano de premiação	Escritor(a)	Ilustrador(a)	Editora
1	Angélica	1976	Lygia Bojunga	Vilma Pasqualini	Casa Lygia Bojunga
2	A bolsa amarela	1977	Lygia Bojunga	Marie Louise Nery	Casa Lygia Bojunga
3	Pedro	1978	Bartolomeu Campos de Queiroz	Sara Ávila de Oliveira	Gaia
4	Se eu abrir esta porta agora	2019	Alexandre Rampazo	Alexandre Rampazo	SESI-SP editora
5	Pinóquio	2020	Alexandre Rampazo	Alexandre Rampazo	boitatá
6	Sagatrisuinorana	2020	João Luiz Guimarães	Nelson Cruz	ÔZé Editora
7	Um belo lugar	2021	Alexandre Rampazo	Alexandre Rampazo	VR Editora
8	Irmãs da chuva	2022	Gabriela Romeu	Anabela Lopez	Peirópolis
9	Os invisíveis.	2022	Tino Freitas	Odilon Moraes	Companhia das letrinhas
10	Espinho de Arraia	2022	Roger Mello	Roger Mello	Global
11	Lá fora	2022	André Neves	André Neves	Companhia das letrinhas
12	Seu tainha	2022	Janaína de Figueiredo	Bruna Lubambo	Tigrito
13	Amanhã	2023	Lúcia Hiratsuka	Lúcia Hiratsuka	Pequena Zahar

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

3.1 Angélica

Escrito por Lygia Bojunga e ilustrado por Vilma Pasqualini, *Angélica* foi premiado no ano de 1976 como Melhor Livro Para Criança. Nele, conta-se a história do porco Porto que, inicialmente, tenta entender como se vive e, nessa curiosidade de descobrir como é a vida, acaba se deparando com situações e experiências difíceis de compreender. Vergonha, medo, felicidade, raiva são alguns de seus sentimentos. O medo aparece de diferentes formas na história e é sentido por vários personagens. Porto, o personagem principal, sente o medo de diversas maneiras. Inicialmente, existe o medo do desconhecido, do que é viver e, após isso, o medo surge de acordo com a vivência com outros seres, como o medo de ser quem se é, de

mostrar suas fragilidades. O medo, nesse caso, está atrelado às exigências impostas pela sociedade.

No decorrer da história, com o aparecimento dos outros personagens, é notório o medo de se reconhecer e entender a própria identidade. O que os personagens fazem a todo instante é tentar provar que são tudo, menos eles mesmos. Alguns exemplos: o elefante, que tem por nome Canarinho, tem pavor de tudo que é grande, usa um cinto para disfarçar sua enorme barriga e tenta esconder suas rugas com fita para aparentar ser jovem; o crocodilo, que não gosta do próprio nome e pede que lhe chamem apenas pela primeira letra, tem resistência em mudar de ideia sobre qualquer coisa e não aceita que discordem dele; Porto, o porquinho, tenta provar em vários momentos que não é o que os outros pensam dele, luta para ser aceito, mudando de aparência e até criando o próprio nome para assumir uma nova identidade. Porto, assim como os outros personagens, acaba inconscientemente reproduzindo ideias e falas de uma sociedade machista, preconceituosa, racista e pouco compreensiva diante da diferença – e isso é retratado de forma singela no decorrer da história.

Angélica, personagem que dá nome ao título do livro, surge de forma sutil na narrativa, trazendo questionamentos às imposições da sociedade e, conseqüentemente, desconstruindo ideias estabelecidas pelos outros personagens. Esses questionamentos fazem com que os personagens, inesperadamente, reflitam sobre suas atitudes e repensem várias coisas. Angélica é uma cegonha que ensina a pensar, uma professora da vida, que faz rever as coisas de diferentes formas. No decorrer da história, muitos personagens vão despertando em Porto sentimentos que ele próprio desconhece e fazem-no repensar sobre si mesmo diante das situações desafiadoras.

As ilustrações da obra são bastante coloridas (exceto em uma, que representa o nascimento de Angélica – ou seria renascimento?) e em todas, o porquinho, até então descrito como pretinho, aparece rosado. Angélica aparece muito delicada e formosa, com o botão pregado ao centro da cabeça (para abotoar ideias). A obra tem poucas ilustrações, embora as que lá estão sejam expressivas, com ênfase nos sentimentos dos personagens ao longo da narrativa.

3.2 A bolsa amarela

O livro, premiado no ano de 1977, escrito por Lygia Bojunga e ilustrado por Marie Louise Nery, retrata as inquietações de Raquel, que trava uma luta com suas três grandes vontades: crescer logo, ser menino e escrever. O desejo de crescer provém das suas

observações cotidianas, rodeada de pessoas maiores e com pensamentos muito diferentes. Na visão inicial de Raquel, os adultos usufruem de uma liberdade que a infância não tem, a autonomia de fazer coisas sem precisar se explicar e a prevalência do respeito dos outros em relação às próprias vontades.

O desejo de ser menino está presente de forma bem sutil, refletindo essa vontade pela vivência em uma sociedade machista, na qual os seres do sexo masculino gozam de privilégios de que as mulheres são privadas. A vontade de escrever acaba por unir as outras duas coisas desejadas, pois surge das inquietações, do desejo de se expressar, de colocar para fora seus pensamentos como desabafo, já que ninguém em sua volta a ouve. A personagem sonha em ser escritora: a escrita é a melhor forma que ela encontra de expor seus pensamentos, questionamentos e opiniões. As cartas são uma estratégia para criar um diálogo com alguém disposto a lhe entender ou a dar resposta a coisas que ela não consegue descobrir sozinha. Inicialmente, essa ideia de escrever cartas é frustrada por seus irmãos que as encontram e acabam por reprimi-la. A maneira que Raquel encontra de esconder suas vontades é colocá-las dentro de uma bolsa amarela, que ganhara da tia; vê nela uma forma de carregar consigo seus desejos.

As vontades reprimidas e guardadas na bolsa ganham vida, assim como os personagens criados pela menina nas suas histórias inventadas. Os personagens apresentam características que tendem a corresponder com as vivências de Raquel: o Galo Rei é um personagem “fora da caixinha”, daqueles que não se conforma com o que lhe é imposto e decide fugir do galinheiro que se vê obrigado a mandar e desmandar em tudo e em todos; o Terrível também é um galo, mas galo de briga, que não pensa em outra coisa a não ser brigar, entende que essa é a sua função e não vê jeito de contrariar o que é imposto pelos donos que o ameaçam para que não perca as lutas travadas; a Guarda-chuva é uma personagem que, por consequência da vontade de voar feito paraquedas, cai e se quebra todinha, mas sonha em voltar a voar. Só o Galo Rei compreende sua fala “enguiçada”. O Alfinete, por consequências da vida, cai em uma calçada e fica um bom tempo por lá, ninguém o julga útil. Posteriormente, demonstra ser bastante útil, quando espeta as vontades de Raquel ao ficarem muito grandes.

Os personagens são reflexo das vivências de Raquel – o machismo, a repressão dos adultos e até mesmo o fato de muitas vezes se julgar de menor valor ou sem utilidade. Tudo isso é representado de maneira leve e delicada. Cada personagem vive o medo de uma maneira distinta. O Galo Rei vivencia o medo de ser encontrado pelos antigos donos, que o obrigariam a mandar no galinheiro; O Terrível, o galo de briga, teme perder as lutas de que

participa, embora não consiga ver outra maneira de viver além dessa estipulada por seus donos, a fim de lucrar diante disso. A Guarda-chuva tem medo de voltar a voar e, ao longo da história, acaba adquirindo o medo de ficar sem o Galo Rei, tão grande afeição que cria por ele. O Alfinete tem medo, por conta das situações vividas, de não apresentar utilidade e, por isso, sente necessidade de se mostrar digno de valor.

Aos poucos, os personagens vão se encontrando consigo, enfrentando seus medos e refletindo sobre a origem deles. O Galo Rei é fundamental na desconstrução de ideias e pensamentos acabados. É diante das conversas e indagações partidas dele que os outros personagens vão despertando o desejo de ser, da busca pela identidade e de soluções para suas questões.

3.3 Pedro

O livro de Bartolomeu Campos de Queirós, ilustrado por Sara Ávila de Oliveira, e premiado no ano de 1978, tem como personagem principal Pedro, que, em outras línguas é Pierre, Pietro, Peter, Pether e Petrus, a cada parte da narrativa. Há uma borboleta, sua inspiração para a manifestação da arte. Pedro é um pequeno artista apaixonado por borboletas, que, ao observar uma em específico, decide pintar em uma folha de papel o que consegue captar dela. Durante alguns dias, pinta a borboleta de maneiras diferentes, de acordo como se sente.

Um dia, Pedro, ao refletir sobre suas pinturas, encontra certa dificuldade de pintar as borboletas, sente que poderia melhorar e que a forma como faz não é suficiente para expressar o que sente. (Seria essa uma dificuldade do próprio artista? Na narrativa, existe o embate consigo na produção da obra, a incerteza do “produto” final e o questionamento de seus sentimentos ao se manifestar na arte).

O livro ganha novo rumo quando o menino deixa de dar importância à própria produção ou ao resultado, olhando para o objeto de sua admiração com cuidado e leveza, desprendendo-se da cobrança que se impunha. Nesse momento, a arte ganha força e o menino consegue produzir algo que é fruto do seu interior. Os dias em que Pedro não consegue se expressar são vistos como o dia em que a agonia, a pressa e a preocupação estão presentes. O dia em que o menino observa com calma, despreziosamente, com o coração cheio de paz, é um domingo, dia da semana de que não se espera muita coisa, mas em que elas acontecem com naturalidade.

O medo na narrativa aparece de maneira implícita. Está relacionado com a manifestação de sentimentos, medo de se expressar, medo de não conseguir fazer algo bom ou não conseguir passar para o papel o que sente. As ilustrações são todas em preto e branco, embora se enfatize na narrativa a variedade das colorações das borboletas.

3.4 Se eu abrir essa porta agora

O livro, premiado em 2019, escrito e ilustrado por Alexandre Rampazzo, é uma diversão só. Tem suspense, fantasia, terror, alegria e se torna ainda mais interessante a cada possibilidade criada pelo personagem, ao pensar na porta sendo aberta. Tem duas formas de ser aberto devido ao design sanfonado. Em um lado do livro, o menino imagina o que encontraria ao abrir a porta do guarda-roupa, de maneira otimista, positiva; do outro, pensa no que encontraria de forma mais retraída, assustada.

A possibilidade de abrir a porta e encontrar um amigo para brincar, para abraçar e criar diversas formas de diversão é uma maneira positiva para o menino. Já o medo de abrir a porta é o de encontrar um monstro e esse monstro tomar seu lugar, sua vida; existe, deste lado, o receio do arrependimento.

A obra retrata a curiosidade, a incerteza e o medo de maneira divertida. A curiosidade de imaginar o que pode encontrar ao abrir a porta, de imaginar as possibilidades positivas e negativas existentes; a incerteza se gostará do que encontrar; e o medo das expectativas criadas pela imaginação se tornarem frustração.

As ilustrações representam cada possibilidade de descobrimento do que há ao outro lado da porta, boas ou ruins. As boas possibilidades são coloridas, alegres e delicadas. As possibilidades ruins são ilustradas em preto e branco, são mais sombrias e “assustadoras”, cheias de mistério. O próprio menino se diverte nas suas incertezas positivas e se retrai com a possibilidade de encontrar atrás da porta, algo que lhe cause pavor.

3.5 Pinóquio: o livro das pequenas verdades

O livro escrito e ilustrado por Alexandre Rampazzo, premiado em 2020, traz reflexões sobre o próprio *ser*; sobre identidade e reconhecimento de si. Nesta narrativa, Pinóquio, por meio de um espelho, enxerga seu próprio reflexo; insegurança e autoestima imediatamente tomam conta dele e o fazem imaginar como seria se pudesse ser outra coisa além de um boneco de madeira. Ele se imagina assumindo a identidade de vários personagens e lhes

atribui adjetivos que julga dignos de admiração, sempre em contraste com sua pequenez. Após muito se imaginar assumindo outras formas e personalidades, volta à realidade e se vê novamente, se reconhecendo como próprio, refletindo sobre sua existência e pensando em possibilidades de *ser* quem verdadeiramente é.

Assim como “Angélica”, “Pinóquio: o livro das pequenas verdades” mostra de forma sutil questões de personalidade, o personagem em conflito consigo, com seu modo de ser. O anseio por assumir outras formas é uma maneira de escapar, mesmo que rapidamente, da própria realidade e de si mesmo. O livro, ao final, faz com que o olhar se volte de maneira cuidadosa e empática para consigo, a partir do momento em que o personagem se reconhece e explora possibilidades de se enxergar e atribuir valor à sua existência.

O medo, neste livro, aparece de maneira sutil, atrelado a questionamentos recorrentes e próprios do pensamento. A comparação, os julgamentos sobre si são naturais e, por vezes, inevitáveis. O medo de Pinóquio está no julgamento que faz de si, quando se considera menor ou inferior a outros personagens na maneira de pensar, agir e ser. O medo da incapacidade, da insuficiência, de não atender a critérios de personalidade aparecem quando se é refletido sobre as características atribuídas por Pinóquio aos outros personagens, como a inteligência, bondade, esperteza, que acaba comparando consigo e se diminuindo em relação aos outros.

O livro é uma diversão, desde a capa, que parece feita de compensado, remetendo ao boneco Pinóquio, também de madeira. O boneco ilustrado lembra o tronco de uma árvore, e ele, assim como os outros personagens, é bastante expressivo e desenvolto. Digo desenvolto pelo fato de a personagem se imaginar assumindo outra identidade e representar os gestos, posturas e caretas como se incorporasse os trejeitos de cada um pela forma como está ilustrado. Ao encarar a realidade, assim como o desdobramento da história quando se reconhece como único e pensa sobre sua identidade diante de outras perspectivas, o livro se desdobra em uma página gigante, parecendo uma sanfona aberta ou um leque de possibilidades, o que diverte muito o leitor e casa certinho com a abertura de pensamento do personagem.

3.6 Sagatrisuinorana

O livro escrito por João Luís Guimarães, ilustrado por Nelson Cruz e premiado em 2020, traz um reconto de um clássico – a história dos três porquinhos – com tom de crítica social ao relacioná-la com as tragédias de Mariana e Brumadinho.

Os três porquinhos constroem suas casas assim como na história original, embora com materiais diferentes. O primeiro constrói sua casa com fibra de buriti em palha de arrimo, a qual o lobo derruba com o sopro; o segundo constrói com taquara verde, folhas de embaúba e espinhos de mandacaru. A mudança significativa ocorre justamente quando os três porcos se veem felizes e “livres” do lobo em uma casa de tijolos. Quando o lobo faz menção de soprar a casa, uma onda de lama invade a história e leva tudo e todos, desmoronando casas e carregando todos os personagens.

O medo aparece na narrativa tanto quando o lobo destrói as casas dos dois primeiros porquinhos quanto quando a onda de lama invade a narrativa, assustando os porquinhos e o lobo. O desespero, o susto e o terror tomam conta dos personagens, que são mostrados nas ilustrações já sem vida.

As ilustrações são fortes: a lama ilustrada é gigantesca, feroz, avassaladora. A lama luta contra a tentativa frustrada dos personagens de submergir, de alcançar a respiração em meio aos destroços de uma cidade destruída.

O lobo representaria os problemas enfrentados diariamente na sociedade? O rompimento da barragem seria a destruição de todo o esforço e sonhos materializados pelos porquinhos? O desastre causado pela lama seria a “extinção” de um grupo de pessoas, assim como a de suas culturas e de toda uma estrutura construída com os anos?

3.7 Um belo lugar

O livro escrito e ilustrado por Alexandre Rampazzo, premiado pela FNLIJ em 2021, faz uma espécie de diminuição parcelada de imagem. É um daqueles livros em que a ilustração e o texto são complementares. O pássaro grou é apresentado aos poucos, começando pelo olho, depois a cabeça e o pescoço até aparecer completamente na página, como se, no decorrer da história, sua imagem fosse diminuindo. A ilustração é uma desconstrução não só da ave, que posteriormente aparece nas mãos de uma pessoa na forma de origami, como também a desconstrução de uma ideia, que é referente a um lugar bom e belo para onde se vão as almas.

A desconstrução que falo é justamente por se propagar a ideia de que exista outro lugar, no qual se deseja estar após a vida (agora) e que se vê como recompensa pela “boa conduta” na Terra. No livro, a narrativa nos leva a repensar sobre a valorização do modo de viver, de apreciar e aproveitar os momentos que são reais e não somente fantasiados ao lado do que faz feliz, do que traz paz e aconchego no coração.

O grou, neste livro, está presente como meio de transporte, como forma de levar alguém para um lugar melhor. Por uns, é uma forma de felicidade, para outros, é a representação do que é celeste. É um livro que fala, de maneira sutil e leve, sobre a morte, mas que traz paz e certo alento no coração de quem carrega a dor de perder quem ama. O pássaro que se move no ar, vai para onde deseja e representa a ideia de liberdade, a doçura no modo de viver, por vagar despreocupado. A ave dá ao leitor a sensação não só de que é livre, mas também de que aproveita sua liberdade para viver da maneira mais leve possível, ao voar de um lado para o outro, sem agonia.

O medo neste livro está camuflado no anseio de não alcançar o lugar perfeito, na incerteza de sua existência e no pensamento da perda de alguém querido, da ausência física do outro. Fantasiar ou desejar a existência de um lugar de reencontro ou de vida plena após a vida terrena não deixa de ser um conforto a quem sofre pela ausência do outro. O livro, ao mesmo tempo em que fala de maneira delicada sobre a partida, traz à tona o cuidado com outro, o desejo de que exista, de alguma forma, a boa acolhida. A narrativa propõe questões como empatia, afeto e generosidade, características do ser humano extremamente necessárias à convivência harmoniosa na vida em grupo.

3.8 Irmãs da chuva

O livro, premiado pela FNLIJ no ano de 2022, escrito por Gabriela Romeu e ilustrado por Anabella López, é carregado de valores culturais que, em meio a narrativa, mostra saberes de um povo que, com fé, enfrenta os desafios da vida. A narrativa acontece no sertão, especificamente em Tururu do Sul, lugar com características particulares, dentre elas um rio que não tem peixes e onde pouco se vê chuva, sendo justamente por conta disso que surge a história.

Um povo que convive com um clima predominantemente quente suplica com toda sua fé que a chuva venha. Este pedido contém esperança misturada com os ensinamentos de receitas, rezas e simpatias aprendidas com antepassados. Embora tantos pedidos, somente as irmãs da chuva são capazes de realizar esse feito, já que elas têm o dom de fazer chover.

Feliciana e Damiana são sábias irmãs benzedadeiras que conhecem receitas para tudo quanto é tipo de mal e usam suas cantorias apelativas aos santos, esperando que ouçam as lamentações. Somente quando cantam juntas, uma completando a outra, é que chove no sertão. Num dia em que Feliciana desperta com saudade da chuva, se põe a cantar sozinha (isso já era motivo de espanto), sem saber o prejuízo que viria pela frente, ao pelejar para

Santa Teresa, a santa dos trovões. A chuva logo vem, mas de um jeito diferente, causando estranheza nos habitantes do vilarejo e perdurando durante sete dias.

Todo o povo trata de procurar maneiras de ajudar as irmãs da chuva a consertarem a reza desatenta, numa união para cessar tamanho aguaceiro. As irmãs seguem caminho, separadamente, numa jornada rumo ao Cruzeiro de Tururu do Sul, enfrentando desafios e os próprios medos, aos quais dão seus jeitos de superá-los. Em meio a esse trajeto, as irmãs encontram nas músicas e ladainhas às respostas para enfrentar os obstáculos. Dentre os impasses da viagem, deparam-se com pensamentos formulados através das histórias de visagem ouvidas quando meninas. Embora seu medo dessas histórias e por acreditarem nas superstições aprendidas, enfrentam com respeito e fé todas as dificuldades. Ao final da batalha, a tempestade cessa, e o vilarejo ganha nova vida, voltam à fartura e à rotina. As irmãs não são mais vistas, fazendo os moradores do vilarejo, e inclusive a narradora da história, acreditarem que, de alguma forma, estão presentes naquele local, mesmo que em forma de lenda.

O medo presente na obra é escancarado não só pelo respeito aos costumes, às superstições, mas pelo trajeto feito pelas irmãs na tentativa de resolver o “incidente”, criado por uma delas. O receio de contrariar os costumes, de fazer algo que fira a religião é carregado de respeito e de devoção, é um desafio para elas fazerem algo que ameace sua crença. O medo no trajeto está ligado ao desconhecido, em percorrer o desconhecido. No caminho, elas se encontram com personagens de lendas do folclore brasileiro, como a Pisadeira e o Lobisomem, que representam medos enraizados e disseminados em suas culturas. O medo também está presente nas ilustrações, muito coloridas, que retratam os seres do folclore brasileiro, os quais as irmãs temem.

3.9 Os invisíveis

O livro, escrito por Tino Freitas, ilustrado por Odilon Moraes e premiado em 2022, traz uma narrativa voltada para o olhar, para perceber o mundo e os seres humanos nele inseridos a partir de suas características e formas de viver. A criança presente no início do livro tem o “superpoder” de enxergar o que passa despercebido ao olhar do adulto: o cuidado de ver, sem preconceitos, sem critérios de seleção, sem pensamento formado ou acabado para o que existe ao seu redor. Consegue enxergar além do que os olhos veem. A criança tem um toque de inocência aberta para o conhecimento, existe nela a vontade de descobrir e o cuidado e a empatia para o que olha.

Ao crescer, o menino perde a ingenuidade, perde o olhar empático, esquece que um dia tinha o superpoder de ver os invisíveis e se torna um deles. A vida adulta inibe a capacidade que o menino tinha de olhar para as pessoas com solidariedade e afeto. Ainda que sem perceber, o menino se torna invisível, visível somente para os que têm, assim como ele tivera um dia, o “superpoder” de ver.

As ilustrações presentes no livro são bem fortes no que diz respeito à representação dos invisíveis citados na história, pois apesar de serem pessoas, são retratados sem braços e sem cabeça. Os invisíveis, deste modo, não possuem pensamento, fala, direcionamento sobre si, são marginalizados, menos importantes para os que não tem o “superpoder” de enxergá-los.

O medo de se tornar invisível aparece implicitamente. Os invisíveis são os que passam despercebidos e, por não serem vistos, ficam à margem. A dor de ser invisível, de ser tratado com indiferença, de ser ignorado, aparece nas ilustrações quando as pessoas não são vistas como pessoas de fato, tudo o que são e o que representam é o vazio.

3.10 Seu Tainha

O livro, premiado no ano de 2022, foi escrito por Janaína de Figueiredo e ilustrado por Bruna Lubambo. A narrativa apresenta a história de um velho barco e é desenrolada, a partir do momento em que o barco vê um menino pela janela e o menino também o vê. É um encontro de gerações que parece dar esperança para ambos, o barco velho e o menino novo. Cada um enxerga o outro com admiração: o menino vê no velho a experiência, a força, os saberes; o velho vê no menino a esperança, a curiosidade, a alegria.

Ao mesmo tempo em que o velho aceita seu destino (a morte, que aparece de forma implícita); a inquietação, preocupação e incerteza do futuro que o menino carrega consigo estão presentes na narrativa. A história parte do relato do velho, que olha o menino na janela e o vê acenando com felicidade. O encontro dos dois, embora passageiro, é carregado de respeito e admiração. Ao ouvir o barulho do motor, o menino corre para a janela. O barco velho, por outro lado, ao passar por aquelas bandas direciona o olhar para a janela, buscando encontrar o menino. Um dia, quando o barco deixa de passar, o menino se preocupa, o que acentua o carinho sentido por ele pelo velho.

A janela é o meio que permite o encontro do menino com o barco. É o local para onde o menino corre para ver o amigo passando, assim como é o local onde o velho sabe que pode

encontrar o menino. É o canal que dá esperança ao barco de pesca já cansado da rotina de encontrar o menino cheio de sonhos que anseia por ver o barco.

O medo está presente no livro de duas formas: o medo do menino e o do velho barco. O medo por parte do menino é o de perder o barco de vista. Para ele, é importante estar à espreita e olhar o quanto puder. O medo do velho é a solidão, o sentimento de vazio, o fim, embora o enxergue como natural. Ambos enfrentam seus medos, suas angústias com a sabedoria e compreensão de que os fins são parte constituintes do que é viver.

3.11 Espinho de arraia

O livro, premiado em 2022, escrito e ilustrado por Roger Mello, conta a história de um menino ferroadado por um espinho de arraia a relatar aos irmãos como tudo aconteceu. A história se prolonga, os irmãos conversam sobre muitas coisas, e o menino ferroadado conta por todos os lugares por que passou antes de ser “atingido” no pé pelo espinho. A preocupação dos irmãos com a febre dele é grande. A conversa entre eles é uma distração e, ao mesmo tempo, uma viagem por uma imaginação fértil e sábia. A narrativa é cheia de saberes e histórias que envolvem a realidade amazônica das pessoas que moram próximo ao rio.

O relato é ouvido e partilhado pelos oito irmãos, que revelam sua preocupação ao buscar pelo irmão sumido. O menino ferroadado conta os lugares por onde passou e os bichos que o ajudaram na jornada que diz ter sido de dois meses. A narrativa deixa o questionamento se a história contada pelo menino seria verdadeira ou um delírio de febre por causa da ferroadada de arraia. Apesar do envolvente diálogo dos irmãos, sempre lembram que o menino está com febre. Existe, então, nesse contexto, uma fuga e um choque da realidade vivida.

Apesar de a história se desenvolver a partir da ferroadada de arraia, alguns assuntos presentes na vida dos meninos ressurgem, assim como o questionamento sobre a existência dos pais, a preocupação com a venda do que produzem e a dificuldade de vender sem a presença de adultos responsáveis. O medo é mais vivido pelos irmãos do que pelo próprio menino ferido, porque existe a preocupação com a febre e com o bem-estar do doente.

3.12 Lá fora

O livro, escrito e ilustrado por André Neves foi premiado em 2022. Na narrativa, viviam em um reino muitos camaleões, regidos por um imperador convicto de que o mundo “lá fora” era todo igual e que não valia a pena dar atenção. Neste reino, havia um sistema que

o protegia e camuflava de tudo o que havia fora. Por um descuido, um dos camaleões se distraiu e percebeu a grandeza do mundo e sua própria grandeza, viu as inúmeras possibilidades fora do reino e, inevitavelmente, voltou de forma diferente, atraindo os olhares e a admiração de alguns poucos, que logo se dispuseram a experimentar também. Os outros camaleões, com medo, comunicaram o imperador, que expulsou do reino todos os que haviam experimentado a vida lá fora, reforçando que lá todos eram iguais, “mas o único soberano era o imperador”. Os que saíram se tornaram plurais e os que permaneceram no reino imaginavam que estivessem perdidos.

A narrativa mostra o olhar para o mundo como uma infinidade de possibilidades, assim como as percepções mediante aquilo que é imposto de ser acreditado. O imperador representa um falso líder, que esconde o mundo e as verdades daqueles que o seguem. Dentre os que seguem o rei, alguns estão abertos a possibilidades de visão, enquanto outros, por seguirem tão firmemente as normas e regras do imperador, não conseguem abrir os olhos para ver além do que lhes foi dito.

O medo está presente nos camaleões que não conseguem ampliar o olhar para o mundo, têm receio do que pode acontecer fora do império, porque foram ensinados a temer tudo o que é diferente. Estes não têm perspectivas nem coragem de contrariar o imperador. O imperador tem medo do que existe fora do império pela ameaça que aquilo oferece à sua soberania, enxerga tudo que desencontra dos seus “valores” como ameaça e não tolera pensamento contrário ao seu. É uma obra que enfatiza as possibilidades de ver o mundo e a si mesmo, percebendo as próprias maneiras de ser.

As ilustrações destacam a forma como o primeiro camaleão se sente ao experimentar o mundo. O reino é ilustrado em preto e branco, enquanto fora dele o mundo é colorido, assim como os camaleões que se arriscam a experimentá-lo.

3.13 Amanhã

Escrito e ilustrado por Lúcia Hiratsuka, premiada em 2023, a obra conta o trajeto e os desafios enfrentados para a chegada na escola, inicialmente o da filha, seguido pelo da mãe e, por fim, o da avó. A incerteza da “escola”, a ansiedade e a vontade genuína de aprender no dia seguinte é o que permeia toda a história. No relato da filha, para chegar à escola, ela segue um caminho entre as árvores com um grupo de amigas. A escola é relativamente longe, mas o caminho é divertido, por ter companhias agradáveis.

A mãe, ao relatar sua ida para escola, revela como o tempo e o desenrolar das coisas eram diferentes. A escola não era fixa, porque viviam em tempos de ditadura quando a língua japonesa era proibida. Havia a migração da escola, uma forma de fuga da repressão. Aí, a incerteza de ter aula no dia seguinte era acentuada. O caminho entre as amoreiras era percorrido por um grupo grande de crianças guiadas por um adulto em plena madrugada, cada um seguia com sua lanterna, iluminando o trajeto.

A avó conta que estudou no Japão, outra realidade. Seu professor era um monge e o trajeto era diferente, solitário, entre uma vegetação de bambus. Ao percorrer o caminho sozinha, cantarolava uma canção para afastar o medo. Às vezes, precisava levar o irmão pequeno consigo, na tentativa de ajudar a mãe e a irmã. A escola era lugar de aconchego, de brincadeira e reencontro. Em todos os relatos, a escola se define como local de esperança, local em que há o desejo de retornar no dia seguinte.

O medo sentido por cada uma delas é bem particular, portanto, vivido de maneira distinta. A filha encontra pelo caminho alguns obstáculos. O medo que tem é das brincadeiras tiradas pelos meninos que encontra no caminho e de molhar a marmita que leva. O medo da mãe, na infância, era de a escola ser descoberta, já que era proibido estudar a língua japonesa naqueles tempos, conseqüentemente, o medo de “não ter escola”, no dia seguinte, também existia; a avó relata o medo de percorrer o trajeto de ida à escola sozinha. A maneira de enfrentar esse medo era uma canção que a encorajava. Medos distintos, vividos em tempos diferentes, por pessoas diferentes, na mesma narrativa.

4 A FNLIJ COMO UM BELO LUGAR...

Os primeiros anos de premiação dos livros se deram num momento em que o país enfrentava um período delicado da história, a ditadura militar (1964-1985). Esse é um ponto que é válido de ser destacado, porque as obras premiadas neste período podem se diferenciar das atuais no que diz respeito à manifestação e exteriorização dos sentimentos, já que a probabilidade de censura era muito maior. O autor, para conseguir que sua obra alcançasse o leitor, que compartilhasse dos mesmos sentimentos vivenciados naquele tempo, necessitaria driblar as formas de “domínio” que tentavam calar e amedrontar os que se apresentavam contra os ditadores.

A maneira encontrada por Lygia Bojunga, ao expressar em suas obras “Angélica” e “A bolsa amarela” fortes críticas sociais, foi dizer, mesmo sem dizer. A habilidade da autora em deixar as ideias subentendidas é uma das características que mostram resistência e coragem de

contrariar as imposições dos militares. Nessas obras, é possível perceber o cuidado na escrita ao tratar de assuntos “delicados”, quase proibidos, principalmente, quando se pensa em livros destinados às crianças. Questões como machismo, racismo, marginalidade e censura estão presentes nas duas primeiras obras. Nelas, se apresentam questões fortes de maneira sutil, dando ao leitor a possibilidade de pensar e questionar a realidade, por meio da ficção.

A identidade, o questionamento do ser, o descobrimento da personalidade e o entendimento da individualidade são indagações presentes nas narrativas analisadas, como é o caso de “Pinóquio” e “Lá fora”. Embora sejam totalmente diferentes, se fazem semelhantes, por abordarem o questionamento a partir do diferente, da busca pela compreensão do próprio ato de ser. Essa questão está presente nas obras quando os personagens imaginam as possibilidades de se enxergarem e de se perceberem no mundo, tendo como base de comparação os que estão em sua volta. A necessidade de pensar sobre si próprio é uma maneira não só de entender limitações e facilidades, mas também de se manifestar, de questionar sobre o que é imposto.

As tradições, costumes, formas de percepção do mundo por meio da cultura não deixam de ser expressão da identidade. “Irmãs da chuva”, “Espinho de arraia”, “Seu tainha”, “Amanhã” e “Um belo lugar” mostram que o meio cultural é fundamental para a compreensão das formas de perceber o mundo. Nelas, estão presentes possibilidades de entendimento e de enfrentamento de questões do cotidiano por meio das crenças e histórias dos antepassados.

Curiosidade, imaginação e sensibilidade estão presentes de maneira muito forte nos livros premiados para crianças. É o caso de “Pedro”, “Os invisíveis” e “Se eu abrir esta porta agora”, cujos personagens vivenciam a necessidade de explorar e de buscar respostas a seus questionamentos. Essas narrativas se encontram por tratarem da doçura, da leveza e sutileza de lidar com situações como as que os personagens encontram. A ampliação das formas de ver, sem utilização de critérios pré-definidos é o que torna essas obras parecidas, levando em consideração a maneira despreziosa que demonstram a beleza de ver as coisas.

O livro Sagatrisuinorana apresenta narrativa particular, que se diferencia de todos os outros livros analisados, tanto pela forma como é exposta quanto pelo teor da obra, por tratar de acontecimentos recentes da história do país e de muitas pessoas. As tragédias ambientais e humanitárias ocorridas em Brumadinho e Mariana são narradas na obra atreladas ao conto “Os três porquinhos”, numa mistura de ficção com realidade. Todos os personagens sofrem uma espécie de dor coletiva e todos perdem, sofrem danos materiais e imateriais de forma rápida e confusa, por não entenderem o que acontece naquele momento.

Os livros analisados têm narrativas diferentes, mas que acabam se encontrando de alguma forma quando o assunto é medo. O sentimento de medo nos livros premiados na categoria “Melhor livro para criança” ganha ramificação e é apresentado de diferentes maneiras, o que está intrinsecamente ligado ao trabalho do autor, que expõe, cada um a sua maneira, seus pensamentos e sentimentos, e também o medo de maneira implícita ou acentuada.

Medo de ser e de não ser, da perda da identidade, do real e do que parte do imaginário, medo da vida. Todas essas manifestações do medo presentes nas obras para crianças são recorrentes nas outras fases da vida, o que muda é a maneira como ele é sentido. Isso não quer dizer, que, por se tratar de livros infantis, os adultos não se identifiquem, muito pelo contrário, são eles que indicam as obras para que as crianças leiam. O fato é que o termo “literatura infantil” é carregado de interesses capitalistas e de concepções do que se deve direcionar às crianças.

Literatura é a arte de utilizar a palavra para a manifestação dos sentimentos, a arte de escrever. Partindo dessa ideia, os livros de literatura direcionam-se naturalmente aos leitores que se identificam e não por serem pré-definidos para que público devem alcançar. Se a arte parte de um único objetivo, que é o de encontrar alguém que compartilhe das mesmas ideias, dores e alegrias, o adjetivo se torna descabido, mais prisioneiro de uma ideia do que libertário das possibilidades de visão.

Mediante a análise dos livros, é possível destacar que, apesar de as obras tratarem do medo de diferentes formas e, portanto, ser vivenciado de maneiras distintas pelos personagens, o que apresentam em comum é o tratamento de medos propriamente humanos. A exposição desse sentimento é uma característica inerente à literatura. Embora os primeiros e últimos livros premiados analisados correspondam a um período de anos bastante distante um do outro, não existe diferença significativa quanto à força das narrativas, não é possível perceber neles grandes diferenças de valor no modo de dizer e de expor sentimentos.

Por serem destinados às crianças, os livros de literatura infantil podem sofrer o equívoco de serem vistos como menor. Mas, o que se pode dizer a partir da análise das obras é que essa distinção não é cabível, a literatura é uma só e tem o objetivo de afetar, pouco importa o público ao qual se destina.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Terezinha. **A mãe da mãe da minha mãe**. Ilustrações Angela Lago. Belo Horizonte: Miguilim, 1999.

ANDRUETTO, María. **Por uma literatura sem adjetivos**. Tradução de Carmem Cacciacarro. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

BOJUNGA, Lygia. **A bolsa amarela**. Ilustrações de Marie Louise Nery. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 1976.

BOJUNGA, Lygia. **Angélica**. Ilustrações Vilma Pasqualini. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2010.

CECCANTINI, João; GALVÃO, Eliane; VALENTE, Thiago. **Literatura infantil e juvenil na fogueira**. Belo Horizonte: Aletria, 2024.

CRUZ, Nelson. **Chica e João**. Ilustrações do autor. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

FIGUEIREDO, Janaína. **Seu Tainha**. Ilustrações Bruna Lubambo. Rio de Janeiro: El Tigre Studio, 2022.

FREITAS, Tino. **Os invisíveis**. Ilustrações Odilon Moraes. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2021.

GUIMARÃES, João. **Sagatrisuinorana**. Ilustrações de Nelson Cruz. São Paulo: ÔZé Editora, 2020.

HIRATSUKA, Lúcia. **Amanhã**. Ilustrações da autora. Rio de Janeiro: Pequena Zahar, 2022.

LAGO, Angela. **Sete histórias para sacudir o esqueleto**. Ilustrações da autora. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infanto-juvenil brasileira: uma nova/outra história**. Curitiba: PUCPress, 2017.

MACHADO, Ana. **Ponto de fuga: Conversas sobre livros**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2016.

MELLO, Roger. **Espinho de arraia**. Ilustrações do autor. São Paulo: Global editora, 2022.

MORAES, Odilon. **Rosa**. Ilustrações do autor. Curitiba: Olho de vidro, 2017.

NEVES, André. **Lá fora**. Ilustrações do autor. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2022.

ORTHOF, Sylvia. **Os bichos que tive**. Ilustrações Gê Orthof. São Paulo: Salamandra, 2007.

QUEIRÓS, Bartolomeu. **Pedro: o menino que tinha o coração cheio de domingo**. Ilustrações de Sara Ávila de Oliveira. São Paulo: Gaia, 2011.

RAMPAZO, Alexandre. **Pinóquio: o livro das pequenas verdades**. Ilustrações do autor. São Paulo: Boitatá, 2020.

RAMPAZO, Alexandre. **Se eu abrir esta porta agora**. Ilustrações do autor. São Paulo: SESI-SP editora, 2019.

RAMPAZO, Alexandre. **Um belo lugar**. Ilustrações do autor. São Paulo: VR Editora, 2021.

ROMEU, Gabriela. **Irmãos da chuva**. Ilustrações Anabela Lopez. São Paulo: Peirópolis, 2021.

VELUDO, Pedro. **As viagens de Raoni**. Ilustrações Demóstenes Viegas. Belo Horizonte: Miguilim, 2013.

ZIRALDO. **Menino do rio doce**. Ilustrações de Demóstenes. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1996.